



**MENINOS  
SONHAM HOMENS**

Antônio Figo

# Meninos sonham homens

Esta noite quando fui dormir, fui invadido, estranhamente, por um medo muito grande do escuro e da morte. Estava muito agitado e rolando na cama, com os lençóis se enrolando em meu corpo e que impacientemente ia chutando. Dormir se tornou uma tarefa quase impossível dada a ansiedade em que me encontrava. Há muito que não a sentia tão forte e intensamente. Procurei no fundo da caixa dos meus problemas a razão dessa inquietude e por mais que me esforçasse sempre acabava concluindo que “estava tudo bem”. Mas alguma coisa, muito forte, estava ali me incomodando, praticamente gritando para mim, fazendo a inquietação do meu espírito crescer, turbilhando minha cabeça em uma tempestade de memórias, misto de passado e presente. Mesmo assim me dispus a dormir para por paz no meu quarto e mente. Uma saudade me lembrou da técnica de contar carneirinhos para dormir. Apenas, sorri um sorriso nostálgico à idéia. Nem tentei. Subitamente comecei a ouvir os “tic tacs” familiares do pêndulo de um relógio, que não se encontra na parede da minha sala. O som hipnótico dos segundos me fez dormir e então sonhar. Era uma manhã de verão esbranquiçada de luz em um fundo de quintal com jabuticabeiras. Quieta e ainda morna. Prestando a atenção percebi um agito contínuo em uma das árvores indicando que ali havia alguma atividade. De repente quietude e então uma rajada de cascas sendo cuspidas e então a jabuticabeira se agitava mais ainda. Isso transcorreu longa e repetidamente. Latidos de cachorro mais ao longe fizeram duas pernas aparecer abaixo da linha da copa da árvore e subitamente um corpo todo caindo em direção ao chão, de cócoras e então de pé, seguindo em disparada rumo a cerca de arame farpado no fundo do quintal, já com o cachorro no seu encalço e ganhando terreno em relação à bunda do fujão. Ele então voou, mergulhando em direção ao vão entre dois fios de arame da cerca como última alternativa e por eles passou ileso, caindo já do outro lado de barriga no chão. Ao se levantar pude vê-lo por inteiro. Calças curtas brancas com riscas verticais de preto pendurada aos ombros por um suspensório de elástico de azul e vermelho e um cinto igual ao suspensório. Uma camiseta de mangas curtas, que deveria ter sido branca pela manhã, mas que agora

# wikilivros

mostrava uma enorme mancha roxa de jabuticabas, que se encontravam ensacoladas junto ao corpo e que se esmagaram quando da aterrissagem. Descalço. Ao me ver, iluminou um sorriso moleque no rosto e caminhou em minha direção. Quando chegou bem perto é que fui capaz de reconhecê-lo, pois até então não tinha conseguido identificá-lo. Era um rosto velho conhecido, mas do qual já estava quase esquecido. O rosto redondo, nem cheio nem magro, de pele muito clara e algumas sardas nas maçãs do rosto abaixo dos olhos e no nariz, sempre sorridente mostrando dois grandes dentes na frente. Os olhos castanhos esverdeados sorrindo junto com a boca. O cabelo aloirado, ou talvez “cor de burro quando foge” como dizia sua avó, bem liso e curto todo espetado e em desalinho. Duas orelhas destacadas e grandes completavam essa imagem de um menino. Um moleque feliz no todo. Ao chegar bem perto de mim, espantou-se e começou a me medir de alto a baixo e então me disse: “Puxa vida! Como eu cresci”. E então com aquele seu jeito sem jeito de fazer confidências e esconder que estava emocionado me disse baixinho junto ao meu ouvido: “Que bom, que você se lembrou de nós”.

[Clique aqui para obter este livro](#)